

Lydia Gouardo

O Silêncio dos Outros

Tradução de Isabel St. Aubyn



1.

Quando o carro funerário entrou no pátio, os cães começaram a ladrar. Debrucei-me sobre a janela para ver se a carrinha estava bem estacionada e pensei que, se aqueles cretinos da agência funerária tivessem a infeliz ideia de lhe dar um toque, o Velho aproveitaria logo a oportunidade para me dar uma bofetada. Mas logo a seguir, dei-me conta: *Estás doida, já não corres nenhum risco.*

Porque afinal era o Velho que estava dentro do carro funerário, morto, e vieram-me as lágrimas aos olhos. Enervada, comecei a soluçar, as lágrimas escorriam pela face e molhavam-me o bonito vestido preto. Peguei num pano, limpei as mãos e depois a cara.

Marianne, de olhos enxutos, estava ao meu lado e também prestava atenção às manobras da carrinha, que tentava estacionar bem à frente da porta.

– Porque choras, Lydia? Receias que o desgraçado se levante do caixão?

Recomecei a chorar. Através das lágrimas via, muito turvo, o sorriso de Marianne e doía-me cada vez mais o peito e o ventre, e também a cabeça, que me dói constantemente e sinto o sangue pulsar nas têmporas.

A Velha discutia com os homens vestidos de preto, dando-se ares de viúva. Caminhava devagar, meneando a cabeça, como se carregasse todos os males do mundo, o que me irritou o suficiente para parar de chorar. Os rapazes reuniam-se em volta do carro

funerário de braços caídos e olhavam sem dizer nada, excepto os dois mais novos, que se acotovelavam, rindo.

Achei que Marianne cuidaria deles.

Eu ia matar-me. O Velho obrigara-me a prometer-lho antes de morrer.

De repente, senti muito frio e um enorme arrepio percorreu-me a espinha. O meu corpo eriçava-se como um gato quando arqueia o dorso. Excepto os braços. Debaixo do tecido preto, as cicatrizes deixadas pelo ácido esticaram-me a epiderme, coberta de marcas redondas e rosadas de carne cicatrizada. Quando passo a mão pelos braços, sinto o impacto de cada gota e os círculos concêntricos formados pelo ácido derramado sobre a pele.

Fechei os olhos e revi o seu olhar atento, os lábios comprimidos pela concentração debaixo do farto bigode enquanto inclinava o frasco com todo o cuidado, para não desperdiçar nem uma gota. Agarrava-me firmemente o braço, embora fosse inútil. Eu cerrava os dentes, contendo um queixume, ignorando o ardor do líquido, imóvel, enquanto um leve vapor irritante se elevava da pele. Eu gritava para dentro para não lhe dar o prazer de me ver ceder, mas não conseguia conter as lágrimas que brotavam contra a minha vontade.

O Velho tinha morrido na véspera.

De manhã, eu fora vê-lo ao hospital de Meaux para lhe levar algumas peças de roupa que ele exigia, aos berros, sempre que ia visitá-lo. Os médicos não se mostravam muito optimistas e ameaçavam amputar-lhe a perna. Quanto às enfermeiras, desviavam-se para não se aproximarem da porta do quarto. Ele queria sair do hospital, mas estava demasiado fraco para o poder fazer. Eu sabia disso e aproveitava-me da situação.

Por mais que gritasse, injuriasse «os filhos da puta dos médicos que queriam cortá-lo ao meio» e «as cabras que nunca acorriam quando tocava a campainha», eu rejubilava ao vê-lo na cama, impotente, com o corpo torturado pela diabetes.

2.

Chamo-me Lydia Gouardo. Tenho quarenta e cinco anos, mal sei ler e muito menos escrever.

Este livro é a minha história. Conteí-a com toda a minha dor e do fundo do meu coração ao meu escritor. Também lhe chamo o meu escrivãozinho – embora ele seja mais velho do que eu – porque tenho a impressão de que é meu amigo e que tenta compreender-me.

Nunca poderá viver o que eu vivi; de resto, eu própria tenho às vezes a impressão de que todas estas coisas aconteceram a outra pessoa.

Mas falar faz bem.

Estive privada de falar durante tantos anos que ignorava que pudesse ser tão importante como respirar.

Não lhe escondi nada das monstruosidades que sofri, embora não goste muito de as descrever em pormenor, mesmo quando vi nos seus olhos que lhe era difícil suportar.

De resto, foi ao ver o horror no olhar dos outros que me apercebi que o que vivera não era normal. Antes disso, reagia como um pequeno animal: quando sofria muito, procurava refugiar-me junto dos seres humanos. Mas como não era aceite, tentava aniquilar-me.

Nunca consegui fazê-lo, o Velho nunca me teria deixado escapar-lhe.

Então, esperava que passasse.

Tanto quanto me consigo lembrar, o Velho esteve sempre presente.

A mais antiga recordação que guardo é ela mesmo uma imagem de violência.

É tarde, estou a dormir, devo ter quatro ou cinco anos, sou uma menina, nem feliz nem infeliz, entregue a uma família de acolhimento. Não me lembro destas pessoas, com certeza gente boa, tratando das crianças confiadas aos seus cuidados pela DDASS² com atenta indiferença administrativa.

Eu sou uma delas.

Não conheço a minha mãe, apenas sei que, aos três meses de idade, uma decisão judicial me separou dela. Ainda não conheço o meu pai, só sei que se chama Raymond e que cumpre cinco anos de prisão por assalto à mão armada. Tenho um irmão mais velho, Bruno, três anos mais velho do que eu, e uma irmã, Nadia, nascida quinze meses antes de mim. Temos todos o mesmo apelido, o de Raymond, nosso pai e marido da nossa mãe.

Nunca o tinha visto, até àquela noite.

Comecei por ouvir gritos, foi isso que me acordou.

E também acordou a minha irmã, que dormia no mesmo quarto que eu.

Depois os gritos pararam, e a nossa ama, a quem chamávamos «Nounou», entrou no quarto, seguida por um homem alto e forte que parecia muito irritado. Levava uma coisa comprida na mão, sempre pensei que fosse uma espingarda.

O homem só gritava: «Quero os meus filhos de volta e ninguém me poderá impedir!» Por mais que Nounou protestasse: «Não tem o direito! Compete ao juiz decidir!», ele agitava o pau ou a espingarda e dizia: «Dê-me os meus filhos! São meus, eu sou o pai, levo-os comigo!»

Bruno saiu do quarto dos rapazes, em pijama, e o homem deu-lhe a mão. O meu irmão conhecia-o vagamente e falara-nos dele. Costumava dizer que um dia o nosso pai viria buscar-nos para nos levar para uma linda casa.

² DDASS (Direction Départementale de l'Action Sanitaire et Sociale) – um organismo dependente do Ministério do Trabalho e dos Assuntos Sociais. (N. T.)

Eu tive medo e enrosquei-me na cama. Nadia começou a chorar e eu imitei-a. Pensei que fosse um ogre pronto para nos devorar mas, ao mesmo tempo, queria que me levasse dali.

O homem pegou-me na mão para me levantar da cama, eu estava de cuecas e camisola interior. Continuei a chorar mas deixei-me arrastar.

O homem ordenou a Nadia que se levantasse e ela foi juntar-se a Bruno, que a agarrou pelos ombros.

Então, o Velho levantou-me da cama e puxou-me pelo braço, o meu irmão e a minha irmã caminhavam à frente e saímos de casa. Ele tinha um grande carro azul, lembro-me muito bem. Mandou-nos subir para o banco de trás, sem mais, quase nus, e ligou o motor.

Nounou gritou: «Eu vou chamar a polícia... e também o juiz!» Ele respondeu: «Então chame, e as paredes cobrir-se-ão de sangue.»

E depois seguimos noite dentro.

O Velho conduzia sem dizer nada. Às vezes, ofuscado pelos faróis dos outros automóveis, resmungava, praguejava e fazia sinais de luzes aos condutores.

Eu via, então, o seu rosto momentaneamente iluminado, o grande bigode, e ouvia a sua voz grossa. Ele fazia-me medo mas a viagem e o desconhecido excitavam-me.

Estava frio.

Nadia chorava baixinho e acabou por adormecer encostada a mim. Bruno mantinha os olhos abertos sem dizer nada e olhava em frente. Viajámos durante horas e o dia começava a clarear quando chegámos ao nosso destino e acordei.

Estávamos numa grande cidade.

Então, o Velho disse: «Vão conhecer a vossa nova mamã. Sejam educados e portem-se bem.» Estacionámos à frente de um prédio e subimos uma escada, sempre a tremer, pois estávamos quase nus.

A Velha abriu-nos a porta.

De início, não lhe chamava Velha, dizia «mamã», como nos ensinara o Velho. A ele, chamava-lhe «papá», uma vez que era o

meu pai. Foi nesse apartamento em Blois que passei os dois anos que se seguiram e que aprendi a conhecer o Velho e a Velha.

A vida assemelhava-se ao que conhecera anteriormente, quando estava com a minha família de acolhimento. O Velho trabalhava, era tipógrafo. A Velha também trabalhava na tipografia, mas num gabinete.

Eu frequentava a escola do bairro, como o meu irmão e a minha irmã. E a nossa existência não era muito diferente da das outras crianças do bairro, embora o Velho não gostasse que nos misturássemos com os outros. Era muito severo e quando se zangava punha-se a gritar. Eu tapava os ouvidos e escondia-me debaixo da cama.

Não era uma boa ideia porque o Velho queria saber sempre onde estávamos e, quando eu ouvia o seu passo pesado aproximar-se do meu esconderijo e avistava os sapatos e a bainha das calças, fechava os olhos.

Mas ele descobria-me. Espreitava para debaixo da cama, agarra-me com a sua manípula e puxava-me de repente, mantendo-me presa por um braço ou por uma perna. Eu contorcia-me como uma rã pendurada num trapo e ele aproximava-se muito de mim, bafejando-me a cara:

– Lydia, já te disse que não te escondas debaixo da cama... Para a próxima vez, apanhas uma palmada!

Eu sentia o cheiro a vinho no seu hálito e também o da tinta da tipografia que lhe impregnava a roupa. Dava-me vontade de vomitar.

Depois, ele atirava-me para cima da cama, mas não me batia.

Nessa altura, as palmadas iam para o meu irmão Bruno. Quando o Velho decidia castigá-lo, alinhava-nos, a mim e à minha irmã, na sala de jantar, e sentava-se numa cadeira com a Velha de pé, atrás dele. Bruno tinha de baixar os calções e ficar de pé à sua frente com as mãos atrás das costas. Depois, deitava-o sobre os joelhos e começava a espancá-lo.

De início, Bruno não dizia nada e cerrava os dentes, o Velho levantava a mão cada vez mais alto e os açoites tornavam-se cada vez mais fortes. Bruno ficava com as nádegas muito vermelhas e

viam-se as marcas dos dedos recortadas a branco após cada açoite. Bruno começava a gritar e a debater-se até esmorecer, limitando-se a soltar soluços que o faziam estremecer dos pés à cabeça. O Velho largava-o e ele caía no chão.

– Espero que tenhas compreendido, agora! Vai-te deitar, malandro, não quero que fales com o filho do vizinho!

Eu e Nadia continuávamos de mãos dadas, sem proferir uma palavra. O Velho, então, pedia à mulher que lhe servisse um copo e, quando ela se aproximava com a garrafa, o Velho dava-lhe uma grande palmada no rabo, rindo-se. Depois iam para o quarto e deixavam-nos em paz durante um longo momento.

Eu, durante o dia, frequentava a escola. Gostava muito da professora, que me tratava muito bem. E gostava de aprender, de fazer desenhos que a professora pendurava na parede. Nas aulas, portava-me bem e a professora costumava dizer: «Lydia, és muito calada, devias falar um pouco mais e brincar com os outros meninos durante o recreio.»

Mas eu preferia evitá-los porque sabia que não era do agrado do *papá*. Observava tudo e aprendia depressa, mas o regresso a casa chegava sempre demasiado cedo. Gostaria de passar mais tempo na escola, sentia-me muito melhor lá do que em casa.

Enquanto o Velho e a Velha iam trabalhar, havia sempre raparigas que ficavam a tomar conta de nós. Mas nunca ficavam muito tempo. O Velho costumava insistir para que bebessem qualquer coisa, sobretudo quando a Velha estava ausente e ele regressava mais cedo da tipografia.

Certo dia, uma das raparigas começou a gritar depois de o Velho nos fechar no quarto. O Velho gritava ainda mais alto e dizia: «Não penses que escapas, cabra!» mas ela conseguiu fugir, porque a ouvimos passar pelo corredor dizendo que ia queixar-se aos pais. Depois a porta bateu e nunca mais a vimos.

À noite, o pai da rapariga foi bater à nossa porta, e a discussão ouviu-se no prédio inteiro. O Velho e o tipo andaram à pancada na escada, mas o outro devia ser pelo menos tão forte quanto o

Velho porque, quando este entrou em casa, vinha com o rosto tapado pelas mãos e a escorrer sangue do enorme nariz.

Nessa noite, não jantámos, pois o Velho e a Velha discutiram. Pela nossa parte, aterrorizava-nos a ideia de que alguém batesse à porta para agredir o nosso *pai*. Nem conseguia imaginar que fosse possível, mas tinha tanto medo que não conseguia adormecer. O único que se mostrava satisfeito era Bruno. Chegou mesmo a dizer, em voz baixa, ele que nunca dizia nada: «Foi bem feito ter ficado com o focinho assim!»

A partir daquele dia, nunca mais tivemos nenhuma rapariga a tomar conta de nós em casa.